

**HAVELOCK, Eric A. A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais.** Tradução de Ordep José Serra. São Paulo e Rio de Janeiro: UNESP e Paz e Terra, 1996. 370 p.

Em 1950, Ventris e Chadwick publicam **Documents in Mycaenian Greek**, pela Cambridge University Press, que causa um certo incômodo entre os estudiosos da cultura grega. A obra é o resultado da pesquisa que permitiu decifrar a escrita silábica denominada Linear B, no sítio arqueológico de Micenas. O incômodo era causado porque a obra não veio apenas a lançar sua contribuição ao campo filológico. Atravessou fronteiras, atingindo o campo da História, desde que se considere a mesma, mais do que simples tradição oral, o estudo daquilo que está documentado, ou seja, escrito. Nesse caso, a escrita seria uma espécie de vertebração do trabalho do historiador. E o Linear B obrigava a recuar o início de toda a história ocidental para o período que se situa antes do sec. XIII a.C.

A tese central de Havelock é de que, de Homero a Platão, embora houvesse a utilização da escrita, há uma configuração demarcada pela oralidade. Por isso, durante séculos, os gregos não se referiram à épica, à lírica e à tragédia, para ficarmos nas formas culturais mais utilizadas, como literatura propriamente dita, que pressupõe, evidentemente, ato de leitura. A divulgação da forma poética voltava-se para a audição, o que ocorria nos contextos festivos, com intensa participação popular. Em relação a Homero, cujo senso comum predominante, na leitura de suas obras, é de que estamos diante de um texto (como composição de palavras escritas), na verdade, são cantos que tiveram sua sobrevivência graças à oralidade. Mas há uma advertência do autor no cap. I: “A composição oral, tal como era praticada pelos mestres gregos, por certo não deve ser pensada como matéria de improviso, à maneira do que fazem os cantadores iugoslavos” (p. 13). Para melhor compreensão, em nosso meio, em vez de “cantadores iugoslavos”, poderíamos dizer repentistas gaúchos e nordestinos, se bem que nestes há o aspecto rítmico, assinalado por Havelock. Era uma composição “poetizada”, trabalhada, *fabricada*, para ficar mais próximo do termo grego. Daí ser a poesia, como uso ideal da linguagem, “superior, em certos aspectos, aos poderes expressivos da prosa” (p. 13). Para o autor, a linguagem

oral dos poetas era, por isso mesmo, funcional e didática. Logo, fica fácil compreender o porquê de os poemas homéricos funcionarem como uma verdadeira enciclopédia, oferecendo parâmetros fundamentais da cultura grega. Aliás, se os poetas não tivessem tamanha influência, Platão não faria a eles as restrições que fez, assunto de outra obra do mesmo autor, cuja resenha está sendo publicada nesta edição.

A Grécia adquiriu seu próprio sistema de escrita depois de 700 a.C., considerando os séc. VI e V a. C. como período “semiletrado”, enquanto a cultura letrada escritural se consumou no mundo mediterrâneo nos primórdios do séc. IV (p. 61). E Havelock nos lembra um ponto muito importante, no sentido de se refazer a idéia de que cultura só existe quando é letrada. Eis o que escreve: “...tornou-se moda nos países industrializados considerar as culturas não-letradas como não-culturas. Isso a despeito do fato de que um segmento de nossa própria população nunca aprende a ler fluentemente (...) Ao tratar dos gregos, melhor seria que nos capacitássemos logo que, na realidade, sua civilização começou por ser não-letrada” (p. 101).

O texto não surgiu como se fosse uma obra de fôlego, planejada e escrita de uma só vez, não obstante a unidade temática e a perfeita amarração entre os diversos capítulos. Trata-se de uma coletânea de artigos escritos ao longo de duas décadas (p. 11); o mais recente foi publicado há quase 20 anos. Para se conhecer as origens primárias das publicações, basta consultar as páginas 7 e 8, onde o autor agradece aos editores pela autorização da nova publicação, agora em livro.

Devemos esclarecer que não fizemos qualquer cotejo da tradução com o original, razão pela qual não vamos opinar sobre ela. Não podemos, contudo, deixar de observar que é um grave problema no trabalho editorial brasileiro. Muitas vezes, o trabalho do tradutor, apressado e mal remunerado, faz com que a elegância e o brilho do original sejam ofuscados por palavras imprecisas ou ambíguas. Daí a observação sobre o título. É claro que se deve respeitar o mercado editorial, razão por que muitos títulos jamais são traduzidos ao “pé da letra”, utilizando-se uma espécie de equívocidade lingüística. Mas, em se tratando de obra histórica de difícil enquadramento (trata da poesia, da filosofia, da dramaturgia, da cultura grega de uma forma geral, sem deixar de incursionar pela teoria da comunicação), o título deveria seguir bem próximo ao inglês: ***The literate revolution in Greece and its cultural consequences***. Logo, **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais** merece ressalva. Por que não **A revolução das letras...** ou **A revolução do alfabeto...**? Até porque

o tradutor vai usar muito as expressões “cultura letrada” e “cultura não-letrada”. Alguém poderia replicar: alfabeto e escrita guardam uma proximidade entre si, especialmente porque letras, em seu sentido próprio, são letras escritas, logo, sinais gráficos. Mas a questão é que os artigos de Havelock têm como foco principal a composição literária e o caráter específico de sua discussão vai muito além da localização histórica do nascimento da escrita. Aliás, sua hipótese de trabalho pressupõe a separação entre o surgimento dos registros escritos e a formação progressiva da estrutura lógica da linguagem, só possível a partir da maleabilidade do alfabeto grego.

Pela profunda erudição, pela história pluridisciplinar que permeia o texto, pela polêmica que levanta ao longo de suas abordagens, pela reflexão histórica que enseja, pela amplitude e profundidade com que os assuntos são abordados, sua leitura significa uma viagem agradável ao mundo grego, apreciando, aqui e ali, a riqueza cultural que esse povo navegador nos deixou. O autor faz uma síntese agradável entre o pesquisador incansável, que vai a fundo no seu labor, com o pensador original que sabe dizer coisas que ultrapassam aquelas classificações preestabelecidas. A edição respeitou as notas às referências bibliográficas que faziam parte dos artigos e não titubeou em publicar o reclamado índice remissivo que, infelizmente, nem sempre integra trabalho editorial em nosso meio.

*Paulo de Góes*